



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

PERCEPÇÕES DISCENTES E DOCENTES SOBRE A INSERÇÃO FEMININA NA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Gioberlândia Pereira de Andrade²⁸⁶

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

gioberlandia29@hotmail.com

Rosilene Dias Montenegro²⁸⁷

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

rosilenemontenegro@gmail.com

RESUMO

Este artigo se dedica a apresentar os resultados do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Percepções discentes e docentes sobre a inserção feminina nos cursos de Computação e de Física da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no campus de Campina Grande, Estado da Paraíba. Parte-se da premissa de que a presença feminina em áreas tradicionalmente tidas como predominantemente masculinas não reflete os avanços dos movimentos feministas por igualdade de direitos e conquistas de espaços na produção de conhecimento e no mundo do trabalho. Para isso, apresenta-se uma discussão teórica sobre ciência, tecnologia e gênero, relacionando com dados recentes. Dentre os objetivos, pretende-se analisar possíveis questões que podem ajudar a entender o porquê do baixo número de mulheres na área científica e tecnológica, embora saibamos que o número de mulheres pesquisadoras no mundo chega a menos de 30%, e que de acordo com a editora científica Elsevier o número de pesquisadoras femininas publicando artigos passou de 38% para 49% em 2017. Sendo assim, não podemos ignorar e/ou desmerecer a inserção dessas mulheres nos espaços universitários e de pesquisa. Para isso serão focalizados alguns aspectos sobre a presença de mulheres nos cursos de Ciências da Computação e de Licenciatura em Física da UFCG. Foi utilizada a metodologia da História Oral para a realização de entrevistas, e desse modo a obtenção dos depoimentos das discentes e docentes dos cursos citados. Como resultado constatou-se pequena quantidade de mulheres nos cursos de ciência e tecnologia, não obstante os avanços socioeconômicos e políticos que as mulheres têm conquistado desde o século vinte. Constata-se também que a mulher ainda é vista como figura intelectual e profissionalmente inferiorizada. Certamente em decorrência e reflexo da sociedade patriarcal, a principal causa dos preconceitos associados à figura feminina da atualidade. Como aprendizado tem-se que investigar e

²⁸⁶Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG. Aluna bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UFCG. E-mail: gioberlandia29@hotmail.com

²⁸⁷Professora Titular da Unidade Acadêmica de História da Universidade Federal de Campina Grande./UFCG Coordenadora do Projeto Memória da Ciência e da Tecnologia/UFCG. E-mail: rosilenemontenegro@gmail.com





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

relatar as histórias dessas mulheres passa pelo conhecimento e investigação sobre a construção que elas têm de si e das escolhas profissionais que fizeram.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar as percepções discentes e docentes dos cursos de Ciência da Computação e de Licenciatura em Física da Universidade Federal de Campina Grande sobre a inserção feminina nas áreas de ciência e tecnologia. Mostrando através dos relatos orais das entrevistadas que o número de inserção das mulheres no sistema de pesquisa científica, tecnológica e de inovação no Brasil ainda é pequeno. Parte do pressuposto de que, a despeito do crescimento expressivo do número de mulheres com nível universitário no país, a participação feminina na produção do conhecimento e no ensino relacionado ao campo da tecnologia e da inovação ainda está aquém da presença feminina na Universidade.

O diagnóstico da situação feminina atual nesse campo se justifica, social e politicamente, face às alterações substantivas observadas nas últimas três décadas no perfil da qualificação profissional das mulheres brasileiras. Observado na expressiva participação feminina no mercado de trabalho e na mobilização política em prol desta parcela da população.

Traçando um panorama geral da causa feminina no Brasil, percebe-se que, nas últimas décadas, a condição feminina vem despertando interesse na sociedade, em função da mobilização de milhares e milhares de mulheres na luta por cidadania. Também oferece sua contribuição à causa a produção acadêmica e científica que analisa as raízes da dicotomia entre os papéis sociais masculinos e femininos, expressa em práticas sociais, bem como nas leis e instituições sociais.

É preciso ressaltar que a questão de gênero é um tema atual e de grande relevância porque diz respeito às diferenças socioculturais que existem e persistem entre homens e mulheres. Essas diferenças se apresentam culturalmente por um conjunto de qualidades que distinguem e ditam o que deve e o que não deve ser o comportamento e





a identidade social de gênero. Estabelecendo hierarquias dentre os gêneros, que naturalizam as diferenças culturais, mascarando formas de opressão e de domínio de gênero. E resultando em manutenção de papéis sociais que reproduzem injustiças sociais, algumas delas tão camufladas por trás de camadas naturalizadas de “qualidade” de etnia, classe social, condição de gênero que só se tornam perceptíveis quando submetidas a questionamento e crítica.

Segundo dados da UNESCO, as mulheres são minoria no meio científico, correspondendo a menos de 30% dos pesquisadores do mundo. No Brasil, a situação é um pouco melhor: o relatório "Gênero no cenário global de pesquisa", divulgado pela editora científica Elsevier em 2017, mostra que nos últimos 20 anos a proporção de mulheres na população de pesquisadores passou de 38% para 49%. Mas a representatividade geral esconde diferenças importantes entre áreas do conhecimento e etapas da carreira. A presença de mulheres geralmente é maior do que a de homens nas áreas de humanidades e serviço social, tendendo a uma paridade nas ciências biológicas e da saúde. No entanto, quando o assunto são as engenharias, ciências exatas e da Terra, a participação feminina cai abruptamente. (BALBI & CAIRES, 2018).

A participação das mulheres na história da ciência trata-se de transgressão profunda quando tomamos conhecimento que nas universidades públicas do Nordeste, a contribuição feminina em cursos de exatas ainda é inferior a 30%, enquanto que no desenvolvimento científico não ultrapassou os 15%, de acordo com dados do CNPq. É a partir dessa premissa que essa pesquisa se estabelece, trazendo resultados pouco conhecidos sobre as conquistas femininas nessa área, bem como um debate que pretende informar como alguns discursos sobre o papel da mulher na sociedade se tornarão uma cultura fixa e de difícil mudança (GUEDES, 2016).

A EDUCAÇÃO UNIVERSITÁRIA

A educação universitária tem sido um fator de transformação da sociedade, de modo que ela vem sendo utilizada pelos grupos dominantes há muito tempo, como forma de manutenção de poder para dominação sobre aqueles que não possuem instrução; e durante toda a história humana a educação sempre representou um status





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

social ao seu possuidor. No entanto no final do século XIX e início do século XX a educação se tornou um dever do Estado e um direito indispensável para o exercício da cidadania, porém o ensino do conhecimento científico, especialmente o superior nas universidades estava restrito aos homens.

No Brasil dos anos cinquenta a educação pública superior era destinada aos homens de classe média ou alta, oriundos de famílias tradicionais que encaminharam seus filhos às cidades que possuíam universidades, geralmente capitais, para inseri-los em uma elite. As mulheres só foram adentrar nesses espaços de ensino superior mais tarde.

O aumento da escolaridade é particularmente verdadeiro para o caso específico das mulheres cientistas, considerando-se que não faz nem cem anos que os portões das universidades foram abertos às mulheres pela persistência das nossas avós e bisavós na luta por cidadania e educação. No final dos anos noventa, tem-se uma taxa de participação igual entre ambos os sexos no que diz respeito à posse de um diploma universitário. Este é o requisito mínimo para a carreira de cientista.

MATERIAIS E MÉTODOS (METODOLOGIA)

Os trabalhos de pesquisa foram realizados por pesquisadores do Projeto Memória da Ciência e Tecnologia, participantes do PIBIC, PIVIC. Foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativo-quantitativo, por compreendermos assim como Minayo (2001) que os dados quantitativos e qualitativos se complementam, pois a realidade percebida por ambos interagem dinamicamente.

Para isso, utilizamos: a pesquisa bibliográfica, sites da internet e pesquisa documental, que nos deu suporte para a produção e análise dos dados, por compreender que a dinâmica social é complexa e totalizante, e as formas que a atividade humana e as relações sociais se manifestam se dá mediante a sua historicidade e vinculação dos fatos econômicos, sociais, culturais e ideológicos.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Segundo Minayo (2001), a abordagem dialética, se propõe a abarcar o sistema de relações que constrói o modo de conhecimento exterior ao sujeito, mas também as representações sociais que traduzem o mundo dos significados, pensando a relação da quantidade como uma das qualidades dos fatos e fenômenos, buscando compreender a relação com o todo e a constituição de um fenômeno que é um processo social.

A pesquisa bibliográfica possibilita o confronto da natureza teórica e dos pressupostos do conhecimento do objeto de análise com a realidade peculiar verificada do contexto investigado, para isso foi realizada a articulação das bibliografias que abordam a temática, com as autoras, Fanny Tabak, Judith Butler, Londa Schiebinger, artigos científicos, monografias, que abordam a questão de gênero e presença feminina na ciência e tecnologia.

A pesquisa documental foi realizada com base nos dados da Pró Reitoria de Graduação da Universidade Federal de Campina Grande, pesquisadas junto ao site da UFCG e também na coordenação do curso de Computação, que forneceu as informações quantitativas sobre o ingresso e presença das discentes no curso de Ciência da Computação e Física, no campus localizado no município de Campina Grande, trazendo os históricos dos cursos a partir do prisma do gênero, mostrando como se materializa em dados estatísticos a desigualdade de gênero no contexto analisado.

Em nossa pesquisa foi utilizada a metodologia de História, e posteriormente realizadas entrevistas com alunas e professoras dos cursos de Computação e Física da UFCG, no tempo presente, bem como, foram realizadas transcrições, objetivando a construção de uma fonte documental oral, seguindo os procedimentos técnicos da História Oral.

ANÁLISE E RESULTADO DOS DADOS

Ao analisar os relatos que nos foram concedidos por alunas e professoras dos cursos de Ciências da Computação e Licenciatura em Física da Universidade Federal de Campina Grande, procuramos saber principalmente sobre suas origens socioeconômicas, as motivações que as levaram a escolher a formação profissional em





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

cursos de Ciências da Computação e Licenciatura em Física, se sofreram resistências em suas famílias em decorrência de suas escolhas profissionais, se sofreram preconceitos por sua condição feminina, e se o curso contribuiu para modificar as suas vidas.

Apresentamos elementos para a reflexão a partir das entrevistas. As depoentes da pesquisa cursaram e/ou estão cursando Ciências da Computação e Licenciatura em Física entre 1976 a 2017. Ressaltamos também, para a análise dos dados que as entrevistadas são nordestinas, naturais de Campina Grande, João Pessoa e outras cidades do nordeste brasileiro, e que vivem ainda hoje em uma sociedade tradicional, em relação aos papéis sociais de mulheres e homens nascidos em outras regiões do país.

As entrevistadas são mulheres que tiveram em comum ambientes familiares que valorizavam o estudo e a formação de nível superior como meio de ascensão social, profissional e conseqüentemente, do padrão socioeconômico, estudaram em escolas de nível médio e instituições de qualidade e referência, a exemplo do Instituto Federal da Paraíba, situado em algumas cidades do Estado da Paraíba. De modo, que a partir dessas instituições de ensino, elas perceberam desde cedo que possuíam inclinação para as matérias das chamadas disciplinas de exatas: Física e Matemática.

Todas as entrevistadas declararam através de suas falas a motivação e/ou escolha pelos cursos de exatas ainda no ensino médio, por perceberem facilidade com as matérias, gostavam de fazer cálculos e tinham curiosidades pelos aspectos práticos de funcionamento de equipamentos eletrônicos; questionamos também sobre a inserção de professoras e alunas nos ambientes de pesquisa como grupos de estudos locais, regionais e internacionais, como se deu a participação delas nestes espaços, e como as entrevistadas viam a ciência e tecnologia, a universidade como espaço de desmistificação de preconceito de gênero ou lugar de manutenção. Diante das falas, percebemos que elas acreditam que os espaços de ciência e tecnologia são lugares de inserção feminina e que a universidade deve criar possibilidade para a inserção e manutenção das mulheres, já que elas executam tão bem, ou melhor, que os homens suas atividades profissionais.





CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que os dados produzidos com a pesquisa vão ao encontro das conclusões das pesquisas nacionais, possibilitando um retrato a nível local, regional e nacional sobre a desigualdade de ingresso e permanência das mulheres nos cursos de ciência e tecnologia. A necessidade dos cursos da UFCG – Campus Campina Grande, revela a necessidade de se ampliar o debate dentro da universidade.

A educação superior deve ser democrática e diversa, se contrapondo aos estereótipos sexistas mantidos. É necessário, para isso, ampliar o debate e práticas inclusivas no interior da universidade, especialmente nos cursos na área da ciência e tecnologia, bem como na comunidade em geral, para que um dia possamos vislumbrar um futuro onde a desigualdade de gênero já não seja mais latente, e as mulheres tenham liberdade de escolha, objetiva e subjetiva, para o ingresso nas carreiras na área da ciência.

REFERÊNCIAS

CAIRES, Luanne; BALBI, Maria Isabel. **Crescem iniciativas que dão visibilidade a mulheres cientistas e divulgadoras de ciência** Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/12/14/crescem-iniciativas-que-dao-visibilidade-mulheres-cientistas-e-divulgadoras>>. Acessado em: 30 de set. de 2019.

BOLZANI, Vanderlan da Silva. **Mulheres na ciência: por que ainda somos tão poucas?** Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000400017>. Acessado em: 30 de set. 2019.

GUEDES, Raquel da Silva. **“Você vai fazer engenharia menina?” – As mulheres na ciência e tecnologia. Uma história a ser escrita.** Dissertação de Mestrado. PPGH/UFCG, jun. 2016.

JORNAL DO BRASIL. **Mulheres assinam 72% dos artigos científicos publicados pelo Brasil.** Disponível em: <https://www.jb.com.br/ciencia_e_tecnologia/2019/03/991242-mulheres-assinam-72--dos-artigos-cientificos-publicados-pelo-brasil.html>. Acessado em: 30 de set. de 2019.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade.** História Oral (5). São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, 2002.

